

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

Notas
de **biblioteca** 8

GIBITECA

Notas
de **biblioteca 8**

GIBITECA



As histórias em quadrinhos,

popularmente conhecidas como gibis no Brasil, são o primeiro contato com a leitura para milhões de pessoas. Seja por meio das revistinhas compradas em bancas ou das tirinhas publicadas em jornais, os quadrinhos encantam por sua maneira toda particular de contar histórias. Os desenhos sucessivos – que podem ou não vir acompanhados de textos – indicam a ação, mas não entregam tudo. Para ler gibis é preciso muita imaginação. E é desse estímulo contínuo do papel para o pensamento que as HQs vêm ajudando a formar gerações de leitores, que eventualmente buscarão também os livros.

Por isso, a existência de espaços dedicados às histórias em quadrinhos nas bibliotecas públicas é cada vez mais frequente e desejável. As gibitecas têm se tornado espaços importantes para atrair e acolher uma grande diversidade de pessoas: aquelas que ainda não entraram definitivamente no mundo dos livros, mas gostam de ler quadrinhos; aquelas que já leem, mas continuam tendo uma predileção pela linguagem das HQs, um mundo variado e cada vez mais sofisticado; ou aqueles que ainda não leem, mas se sentem mais à vontade num ambiente de gibis do que de livros.

Este é o tema central do Caderno Notas de Biblioteca 8. Produzido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo para o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SisEB), o presente volume tem o objetivo de subsidiar os profissionais de bibliotecas públicas com relação ao tema, ajudando-os a reciclar conhecimentos e elaborar projetos próprios. Nosso desejo é que todos possam encontrar informações úteis e inspiradoras neste livro.

Boa leitura!

Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca de São Paulo

Pina, Patrícia Kátia da Costa

Gibiteca / Patrícia Kátia da Costa Pina; Gonzalo Oyzrrú; Vicente Funes Hernandez; Tradução Transverba Idiomas. – São Paulo: Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, Unidade de Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2014
54 p. (Notas de biblioteca 8)

1. Bibliotecas – administração. 2. Bibliotecas públicas – Brasil. 3. Gibiteca
I. Pina, Patrícia Kátia da Costa. II. Oyzrrú, Gonzalo III. Hernandez, Vicente Funes. Série.

Série

CDD 020.4

Índices para o catálogo sistemático

1. Bibliotecas 020
2. Bibliotecas Públicas 020.4

Edição: Leonel Prata

Projeto gráfico: Luciana Fernandes

Textos: Patrícia Kátia da Costa Pina, Gonzalo Oyarzún e Vicente Funes

Tradução: Transverba Idiomas

Revisão: Luís Gustavo Coutinho

Fotos: Biblioteca de São Paulo



O tema do Caderno Notas de Bibliotecas 8

é decorrente do projeto especial do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SisEB) desenvolvido de forma piloto na Biblioteca de São Paulo (BSP). Em 2013, tivemos um olhar especial para a coleção de gibis existente desde a inauguração da BSP. De um lado, pensamos em como aprimorar o tratamento desse material, seu armazenamento, sua sinalização no espaço e, por outro, como ampliar o alcance dessa coleção junto ao público frequentador da biblioteca. O que poderíamos fazer para chamar a atenção de nossos sócios? Como mediar leitura em quadrinhos com todos os segmentos da comunidade? O projeto foi concluído no decorrer desse ano e seus resultados foram apresentados em uma oficina para os profissionais do SisEB em dezembro de 2014.

Porém, entendemos que era necessário discutir um pouco mais sobre a mediação de leitura de quadrinhos, afinal essa era a principal intenção do projeto. Resolvemos então preparar este Caderno baseado na publicação de 2010 intitulada *El comic invitado a la biblioteca pública, elaborada pelo Centro Regional para el Formento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC)*. Nessa obra estão dois capítulos escritos por Gonzalo Oyarzún e Vicente Funes, cujos direitos de reprodução e publicação foram cedidos, sendo traduzidos para compor o nosso material.]

Em paralelo à preparação dos textos, tivemos uma mesa-redonda dedicada às questões de mediação de leitura com quadrinhos durante o 7º Seminário Internacional de Bibliotecas Vivas, ocorrido em novembro de 2014, que contou com a participação de Gonzalo Oyarzún e Patrícia Kátia da Costa Pina, e moderação de Waldomiro Vergueiro. As discussões foram

excelentes e decidimos por incorporar também nesta edição o relato apresentado por Patrícia Pina, que trata da mediação da leitura na escola.

Como você pode perceber, essa publicação foi preparada para instigar os profissionais a trabalhar com quadrinhos, citando também algumas ações realizadas nas bibliotecas do SisEB. Acreditamos que a leitura atenta aos textos auxiliará os profissionais a iniciar ou aprimorar as atividades que podem ser desenvolvidas utilizando as coleções de quadrinhos. O importante é colocar essa pauta na biblioteca. Criar espaços, fazer parcerias, armanezar de maneira atrativa o material, utilizando sempre a criatividade e buscando atrair cada vez mais novos leitores.

Continuamos com a certeza que o fortalecimento do SisEB passa pela qualificação de suas equipes. Entendemos que o presente Caderno soma-se às oportunidades de capacitação que vêm sendo oferecidas ao longo do ano – cursos, oficinas, palestras, eventos –, mas para que prossigam tendo êxito necessitam que você continue atendendo ao nosso convite.

Boa leitura a todos!

Adriana Cybele Ferrari

Coordenadora da Unidade de Bibliotecas e Leitura



índice

9

OS GIBIS E A
FORMAÇÃO
ATUAL DE
LEITORES NA
ESCOLA

21

A BIBLIOTECA
PÚBLICA: ESPAÇO
HABITADO POR
SUPER-HERÓI

35

ORGANIZAÇÃO
DE UMA COLEÇÃO
DE QUADRINHOS
E GESTÃO DO ESPAÇO
FÍSICO



Os gibis

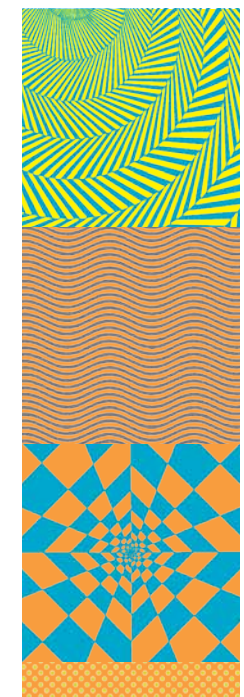
e a formação atual

de leitores na escola

**Patrícia
Kátia da
Costa Pina**

Os malnascidos na leitura buscam, no lixo, na solidão, no livro alheio, o encantamento que em outros (malnascidos, bem-nascidos, quase-nascidos ou quase-moribundos) nem teve tempo de existir.

(COSTA, 2009, p. 8)



Este estudo discute uma inquietação que veio se transformando no decorrer dos últimos oito anos, de acordo com estágios e abordagens de pesquisa: é possível formar leitores críticos, intérpretes de diferentes linguagens, através da interação entre adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental II, e a linguagem quadrinística?

BPM Dr. Antônio Furlan Júnior
[Sertãozinho/SP]
Promove em diferentes bairros do município o “Troca Letras”, feira de trocas de gibis

Tradicionalmente, a escola, principal instituição dedicada à formação de leitores, estabelece suas práticas de alfabetização e letramento a partir da linguagem verbal. No Ensino Fundamental I, instrumentaliza as crianças para deciframos caracteres impressos, bem como para se familiarizarem com diferentes tipos de textos verbais simples (BRASIL, 1998a). No Ensino Fundamental II, promove a iniciação dos adolescentes à leitura literária, distinguindo contos, crônicas, poemas (BRASIL, 1998b).

Ocupando lugar marginal, as ilustrações funcionam, muitas vezes, para treino de habilidades motoras (desenhos e atividades relacionadas ao uso das cores, no Ensino Fundamental I), ou para provocação à criação de textos ou estudos gramaticais (Ensino Fundamental II). As imagens não são propostas como textos, cuja linguagem demanda co-

nhecimentos diversificados – e são elas o principal aspecto dos quadrinhos, aos olhos do senso comum, que desconsidera a natureza verbo-visual das histórias em quadrinhos (HQ).

Até o final do século XX, os quadrinhos não eram considerados como eficientes no processo de formação leitora. Os problemas concernentes à formação do leitor brasileiro e à construção simbólica e empírica do gosto pela leitura literária ou não literária ultrapassam as estratégias de letramento escolar e demandam um olhar sobre as condições sociais que cercam os grupos a serem atingidos pelas ações governamentais ou particulares.

Em termos gerais, a preocupação maior gira em torno da educação formal, da inserção da leitura no currículo, da leitura na biblioteca etc. Como aponta Paim (2011, p. 8), ao discutir os resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, a escola tem, sim, a função de formar leitores, mas a família também tem. Segundo a pesquisadora, apenas 48% dos entrevistados ganharam livros de presente na infância, ou seja, menos da metade dos brasileiros considerados leitores pela citada pesquisa, puderam desenvolver intimidade com o impresso antes de ingressarem na vida escolar, o que dificulta sobremaneira o trabalho de formação leitora no Ensino Fundamental I e II.

Os malnascidos a que Costa (2009) se refere no fragmento em epígrafe habitam as salas de aula urbanas e rurais públicas, principalmente. Seu repertório é fragmentado, heterogêneo, composto prioritariamente por ‘restos’ de leitura: partes de textos que compõem livros didáticos, livros usados encontrados em lixeiras, pedaços de folhas de jornais que servem como papel de embrulho, revistas e gibis velhos etc. Costa aponta as competências a serem desenvolvidas nos estudantes para que se construam leitores:

A leitura exige, portanto, um trabalho de percepção, de atenção, de memória, de experiência e de capacidade de organização mental para que se produzam os resultados de significação, almejados pelo texto. Não entra, nessa sequência de competências, a afetividade (base da identificação). Ela se localiza apenas ao final do processo da leitura e é um dos tipos de efeito que a leitura pode causar (Costa, 2009, p. 26).

As linguagens artísticas, dentre as quais destaco a quadrinística, demandam de seus leitores todas essas competências, mas, também, um tipo de interlocução que implica a movimentação dos

sentidos, o envolvimento das emoções. Como formar leitores entre esses malnascidos, excluídos econômica e culturalmente do ambiente e das práticas que podem atraí-los para o impresso? É preciso fazer uso de estratégias que viabilizem os bens culturais a que eles têm acesso: programas de TV, filmes dublados ou nacionais, **gibis!**

Aquilo que, para as elites tem valor menor, pode ser potencializado para envolver segmentos sociais menos favorecidos, que não podem frequentar teatros, não possuem biblioteca em casa, não têm dinheiro para comprar livros. Dessa forma, gibis podem contribuir para a formação leitora. Através da coordenação do Laboratório de Leitura Monsenhor Antonio Raimundo dos Anjos – LALE, apliquei, em parceria com minhas orientandas, variadas oficinas de leitura e criação de quadrinhos.

Em 2012, ao iniciar as atividades como coordenadora de área do PIBID/Letras, ampliei a aplicação dessas oficinas. Nelas, pude perceber a dificuldade de domínio das estratégias da linguagem quadrinística, tanto pelos bolsistas de Iniciação à Docência, como pelos professores da Educação Básica e pelos estudantes das escolas públicas em que o grupo atuou. Dificuldade às vezes

BPM Prof. Tobias Rodrigues
[Tupã/SP]
Oferece curso de desenho em quadrinhos.

maior que a encontrada na interlocução com os textos literários.

No caso específico dos estudantes de Ensino Fundamental II, os resultados dessas oficinas mostraram que eles conseguiram reconhecer o que é uma vinheta, um balão, um **recordatório**, mas não sabiam usá-los de forma a construírem sentidos coerentes com suas propostas de criação e não alcançavam interpretar seu uso em gibis e volumes de literatura em quadrinhos.

A partir da oficina, os participantes entenderam a ideia de adaptação, relacionando-a às imagens, mas mantiveram os versos do poema apresentado, o que indica que não perceberam plenamente que a adaptação implica interpretação. Aprenderam a construir vinhetas, mas naquele momento não conseguiram usar a criatividade em sua composição. Os balões foram confundidos com recordatórios. Os trabalhos desses estudantes mostraram que é preciso letrá-los na linguagem quadrinística, para que possam lê-la, interpreta-la, e para que possam usar as habilidades desenvolvidas nesse processo na leitura de outras formas textuais.

No âmbito do LALE e do PIBID, desenvolvi, em parceria com colegas de departamento e alunos de Letras, o projeto ‘Adote um Aluno, Forme um Leitor’: todos

os meses, alguns estudantes do Grupo Escolar Manoel Lopes Teixeira, localizado no município de Caetité, [no estado da Bahia,] receberiam uma carta (à qual deveriam responder no mês seguinte) e um gibi. Muitos gostaram dos gibis, seus comentários são interessantes.

Numa das respostas, percebe-se que a dificuldade demonstrada por uma estudante no manejo da língua portuguesa torna-se relativa diante das informações que ela passa: considera a HQ de ‘fácil’ leitura, em virtude das imagens; denuncia a pouca intimidade com os quadrinhos, porque os professores não trabalham com gibis em aula; destaca a importância pedagógica que os quadrinhos podem ter e, um aspecto que julgo decisivo, a jovem em questão aponta como os quadrinhos se aproximam do repertório e das necessidades de estudantes nessa faixa etária. Esses malnascidos na leitura podem crescer muito, se a linguagem quadrinística for adequadamente trabalhada em sala de aula.

Outra carta de estudante revela as dificuldades para lidar com as inúmeras narrativas, constantes do Almanaque do Zé Carioca, recebido no projeto. Sua preocupação é com as tramas e com a personagem da Disney, em sua principal característica: malandragem. No último

parágrafo da carta, ela mostra que não entendeu o volume, composto por diferentes narrativas: como não encontrou um fio narrativo, não conseguiu ‘contar’ a possível história. Prova de que falta à estudante letramento literário e letramento quadrinístico. Ela não diferencia narrativas curtas de narrativas longas, em nenhuma das linguagens. Não foi instrumentalizada para isso.

Entendi que os quadrinhos não são ‘unanimidade nacional’, que sua leitura traz dificuldades significativas para aqueles que não foram habituados, desde cedo, a seu manuseio. Mas seria somente uma questão de hábito? Não seria preciso desenvolver estratégias de ensino para a leitura de HQ?

Observei que os quadrinhos não são uma leitura ‘fácil’, a despeito do que a estudante afirma em sua carta, é preciso um letramento específico para que crianças, adolescentes, jovens e adultos possam usufruir esteticamente desses volumes. E somente o prazer estético (ISER, 1979) e o desenvolvimento da afetividade podem formar leitores críticos, reflexivos, que desenvolvam o gosto pelo impresso. Se o indivíduo não encontra o prazer no desafio de interagir com os textos – literários ou quadrinísticos –, se não se identifica construtivamente com o lido, não de-

envolve o desejo de repetir a experiência, não se forma leitor (YUNES, 2009).

Recentemente aprovado, o Plano Nacional de Educação – PNE/2011-2020 (BRASIL, 2014, p. 1), no Art. 2º, Inciso I, coloca como diretriz a “Erradicação do analfabetismo”. A Meta 5 (BRASIL, 2014, p. 7), reforça a diretriz apontada: “Alfabetizar todas as crianças até, no máximo, os oito anos de idade”. O Plano maior da educação escolar brasileira tem seu foco na alfabetização, o que é, certamente, muito importante. Mas não aponta para uma política de formação de leitores, o que demandaria determinar diretriz e meta específicas para ações de **letramento**².

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em sua oitava revisão (Brasil, 2013, p. 22), Seção III, Art. 32, Inciso 1, prevê a instrumentalização do estudante para o “pleno domínio da leitura”, mantendo o texto da Lei quando promulgada, o que implica a permanência da preocupação com a formação leitora nos últimos dezessete anos. A leitura é implicitamente posta pela Lei como forma de desenvolver a capacidade de aprendizagem e de formar cidadãos. E o

**BPM Antônio Pedro de Lion
[Reginópolis/SP]**

A gibiteca atende, além de seus usuários, projetos sociais, escolas e parque infantil existentes no município.

2. Alfabetização aqui é compreendida, na perspectiva de Soares (2003), como a instrumentalização para escrita e decifração de caracteres verbais. Por letramento, entenda-se o uso social da leitura e da escrita.

1. Vinhetas são os quadros que contêm as cenas; balões são os espaços demarcados por linhas, seguidas de um prolongamento (rabicho), que contêm as falas e pensamentos das personagens; recordatórios são espaços delimitados por linhas, geralmente dentro das vinhetas, que apresentam descrições, orientações do narrador, textos verbais que não correspondem às personagens em cena.

adjetivo “pleno” parece indicar leitura de diferentes linguagens em variados níveis de complexidade.

Corroborando essa perspectiva, desde o final dos anos 1990, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa e de Artes do Ensino Fundamental 3º e 4º ciclos (BRASIL, 1998a; 1998b) incluem entre seus objetivos o trabalho com diferentes linguagens na Escola Básica, viabilizando, implicitamente, o uso da HQ na sala de aula, numa perspectiva mais ampla do que aquela que preside o já tradicional uso de tirinhas jornalísticas nas aulas de Língua Portuguesa. Dessa forma, tais iniciativas governamentais transformaram a HQ em um possível instrumento oficial de formação de leitores (VERGUEIRO, 2009, p. 11-12), mas como afirma Ramos (2012, p. 224), “Colocar quadrinhos na escola é algo que chega com atraso”.

No Plano Nacional de Educação e na Lei de Diretrizes e Bases não há nenhuma referência explícita à formação de leitores críticos, nenhuma referência explícita à políticas de letramento. No âmbito governamental, parece que leitor é qualquer indivíduo alfabetizado, que saiba decifrar caracteres impressos e que saiba, minimamente, assinar o nome.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e de Artes trazem

algum ganho: referem-se a linguagens diferenciadas, apontam como objetivo o ensino do domínio (leitura e uso) dessas linguagens. Mas, dentre elas, não consta a linguagem quadrinística, em sua natureza híbrida, verbo-visual – consta a referência à linguagens não verbais. Parece-me que os quadrinhos continuam um pouco ‘invisíveis’ para a escola, porque sua constituição intervalar é desconsiderada.

Certamente, ao referirem-se a textos verbais e não verbais, podemos desejar a implicação dos quadrinhos. Mas não há reconhecimento da artisticidade e da autonomia de sua linguagem. O que significa que, provavelmente, não há reconhecimento de sua importância como instrumento lúdico de formação leitora, nem como estratégia pedagógica.

O que ressalta dessa discussão é que precisamos atentar para a autonomia dessa linguagem, desenvolver estratégias de letramento específicas para ela, levá-la até gestores, professores e estudantes da rede pública, ressaltando que sua natureza verbo-visual, **híbrida,**³ mobiliza diferentes sentidos no ato da leitura, o que amplia as competências leitoras de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Compreendendo o ato da leitura numa perspectiva lúdica, ainda que o localizemos no âmbito das práticas escola-

res, proponho que se considere que a leitura de linguagens artísticas ‘deve’ sempre ser prazerosa, criativa, interessante. A escola, no entanto, tradicionalmente separa a leitura de textos informativos da de textos artísticos, o que prejudica a formação leitora: aprender também envolve prazer, então a leitura de textos de informação pode provocar emoções e a leitura de textos de entretenimento pode trazer conhecimento. Nessa perspectiva, a leitura de quadrinhos, com sua linguagem artística híbrida, pode promover o desenvolvimento de habilidades interpretativas nos estudantes.

Os quadrinhos, por serem narrativas ficcionais que hibridizam o verbal e o não verbal, trazem um grande potencial de envolvimento do leitor em idade escolar. Segundo Mendonça (2009),

Uma das características mais conhecidas das histórias em quadrinhos é o seu aspecto ficcional. Pelas características de sua linguagem e talvez pelo caráter de sua produção que, em sua essência, é de baixo custo, as histórias em quadrinhos sempre foram um campo fértil para a criação dos mais diversos, fantasiosos e criativos personagens e histórias (Mendonça, 2009, p. 43).

No processo de leitura de quadrinhos, o indivíduo precisa conjugar a imagem e a palavra, e a imagem não se reduz ao desenho da personagem ou da cena, ela engloba do traço demarcador da vinheta até o rabicho do balão que acolhe a fala – ou seja, o indivíduo deve ser letrado na linguagem quadrinística. Para Soares (2003), o letramento consiste na aprendizagem de habilidades e competências que permitam o uso social da leitura.

O conceito de letramento distingue-se do de alfabetização exatamente por compreender a inserção da leitura e de seus resultados nas variadas interações sociais, o que implica uma apropriação subjetiva dos textos, bem como uma vivência e experimentação dos mesmos que ultrapassam os limites do impresso. É o que percebo, por exemplo, na carta da primeira estudante: ela se identifica com os quadrinhos, leva-os para seu cotidiano, usa-os para seu crescimento pessoal e intelectual. O mesmo não ocorre com a segunda: ela se diverte, mas não experimenta o que lê.

As duas estudantes mostram que é preciso desenvolver mais intensamente práticas de letramento quadrinístico com o grupo, mas a primeira já está no



**BPM Monteiro Lobato
[Santa Cruz das Palmeiras/SP]
Estão investindo na ampliação
de sua gíbiteca por meio de
doações dos munícipes.**

3. Esclareço: refiro-me à linguagem quadrinística como linguagem híbrida, porque nela, o verbal e o não verbal estão amalgamados, um necessita do outro, tanto no processo de criação, como no de leitura.

BPM de Canitar/SP
Criou para o projeto “Leitura na Praça” um porta-gibis, onde são expostos os títulos nas grades do coreto.

caminho para se formar a leitora, enquanto a segunda está muito distante. A primeira, mais jovem, está em processo de letramento; a segunda, mais velha, permanece como sujeito alfabetizado (parcialmente).

Alfabetização e letramento reúnem-se nas práticas escolares, mas ocorre uma limitação no que tange às estratégias de letramento, que se reduzem às propostas curriculares, divorciando a leitura da sociedade. Como discuti anteriormente, as ações governamentais não reconhecem o letramento, focalizando sua atenção na alfabetização. Certamente precisamos de uma sociedade alfabetizada, mas precisamos muito mais de uma sociedade letrada, crítica, criativa.

Esse letramento formal, escolar, ‘domesticado’ por convenções que determinam valores ligados à tradição das elites, convive com letramentos informais, que habitam o cotidiano de crianças, adolescentes e jovens: a escola não lhes ensina a leitura de filmes, programas de TV, desenhos animados, quadrinhos etc. Eles aprendem socialmente: com colegas, pais, vizinhos, primos. Tal tipo de letramento torna-se mais atrativo até

por sua marginalidade (SOARES, 2003). E com uma característica mais atrativa: a leitura dessas linguagens verbo-visuais e auditivas é transversal.

Isso significa que no ato da leitura de um filme ou de uma HQ, o sujeito combinará diferentes tipos de signos, para produzir sentido. E também diferentes tipos de textos, em mídias e linguagens diferentes, com base em seu repertório. Esse repertório, uma espécie de arquivo ou biblioteca interna, mnemônica, funciona produtivamente no processo de transversalização da leitura.

A escola até usa filmes, quadrinhos e programas de TV em suas práticas, mas não desenvolve estratégias de letramento nessas linguagens específicas, nem é ‘obrigada’ a fazer, porque não há instrumento oficial que exija isso. Segundo Bari (2008, p. 111), aí reside a dificuldade de inserir esses diferentes textos nas salas de aula, pois os mediadores não desenvolvem tais práticas, e usar a HQ como mediadora de leitura exige conhecimento da técnica que a preside – repito.

Os quadrinhos não são ‘coisas’ para crianças com pouca competência de leitura nem apenas entretenimento barato. Para Vergueiro e Ramos (2009a, p. 7), “História em quadrinhos é Arte. E

ponto final.” Essa definição parece simples, mas é extremamente complexa: a natureza artística de um objeto impõe um comportamento diferenciado por parte de seu fruidor.

Esse comportamento não é ‘natural’, é cultural, demanda ensino, construção de padrões. O ‘ponto final’, na verdade, é um ‘ponto-e-vírgula’: por ser arte, a HQ exige conhecimento de sua natureza, comparação com outras artes, estabelecimento de aspectos a serem lidos com mais atenção, em perspectiva.

referências bibliográficas

BARI, Valéria Aparecida. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. 2008. 420f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases n.º 9.394*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 13 maio 2014.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998a.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: artes*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998b.

BRASIL. *Plano Nacional da Educação*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014.

COSTA, Marta Moraes da. *Sempre viva, a leitura*. Curitiba: Aymará, 2009.

ISER, Wolfgang. A Interação do texto com o leitor. In.: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Seleção, Tradução e Introdução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. Biografias em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 41-72.

PAIM, Amanda Batista. Caminhando sobre dados. In.: SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Retratos da leitura no Brasil: olhares e reflexões*. Campinas: UNICAMP, 2011. Disponível em: <www.leituracritica.com.br/pesquisa11/pdf/cadernodereflecoes-retratosep175>.

pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.

RAMOS, Paulo. *Revolução do gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In.: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Quadrinhos e Educação Popular no Brasil. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Contexto, 2009.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.

PATRÍCIA KÁTIA DA COSTA PINA

é pós-Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Titular de Literatura Brasileira da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

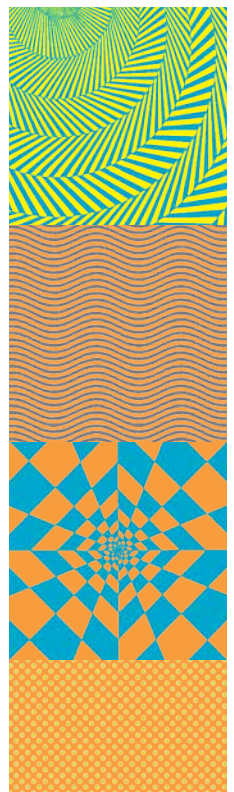


Biblioteca pública:

espaço habitado por
super-herói...

Gonzalo Oyarzún S.

*Os quadrinhos
como ferramenta
efetiva para aumentar
leitores em bibliotecas*



Hoje, talvez como nunca antes, as bibliotecas utilizam todas as ferramentas disponíveis para fomentar a leitura. Livros, revistas, álbuns, Internet, blogs, livros eletrônicos, diários e muitos outros instrumentos são usados para

aproximar da leitura um número sempre crescente de ávidos interessados por informações, cultura, recreação. Nas últimas décadas, as histórias em quadrinhos se posicio-

naram em um lugar de privilégio nas bibliotecas, convertendo-se em favoritos de muitos e devolvendo a paixão pelas histórias a tantos outros.

Durante muitos anos, esse gênero esteve relegado, assim como as revistas e tantos outros recursos, a uma subcategoria entre os acervos disponíveis; os quadrinhos não foram reconhecidos como leitura propriamente dita, menosprezando tanto as publicações criadas como seus leitores. Hoje já não se discute sua importância e transcendência.

Herdeiros do livro ilustrado e aparentado de algum modo com o livro álbum, os quadrinhos ou a historieta é um componente a mais entre as coleções de qualquer biblioteca do mundo. As potencialidades que tem para capturar

novos leitores dos mais diversos tipos e idades, para gerar atividades e oficinas, e refrescar nossos públicos é, à luz das estatísticas, bastante impressionante. A capacidade de colocar esse recurso a serviço da biblioteca e os programas de fomento da leitura e escrita são desafios da gestão contemporânea.

IRRUPÇÃO DOS QUADRINHOS NA BIBLIOTECA

Nas últimas décadas, as bibliotecas foram se abrindo cada vez mais à sua comunidade, atendendo suas necessidades e requerimentos, dessacralizando sua infraestrutura como ‘templo do saber’ e convertendo-a cada vez mais em lugar de encontro, em espaço público democrático, onde as pessoas têm acesso ao conhecimento já não mais apenas pelo conteúdo dos livros tradicionais, mas também pela sua própria comunidade.

Foi assim que as bibliotecas se converteram em espaços mais amáveis e acolhedores, com todo tipo de leituras e literatura, com serviços de Internet, oficinas e atividades comunitárias, lugares de discussão e debate, locais onde, com todo seu imaginário, as pessoas possam se recrear e desenvolver. A Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas (IFLA) expressou, por meio de

manifestos e diretrizes, a exigência das bibliotecas de atender às necessidades de seus usuários de modo integral, compreendendo e assumindo a diversidade de públicos e recursos disponíveis.

Hoje não é estranho entrar em uma biblioteca e encontrar livros ilustrados, sem texto; é que olhar é também uma forma de ler e de viajar. É cada vez mais comum encontrar computadores que oferecem acesso gratuito à Internet, com salas infantis inundadas de meninos fazendo muito ruído e se divertindo muito, rodeados de livros e leituras. É cada vez mais habitual encontrar jovens que olham a biblioteca como um lugar para encontrar namorada ou namorado, ou o lugar perfeito para ler o jornal e buscar trabalho. Em uma realidade latino-americana, premida por carências e necessidades, é mais habitual encontrar pessoas que se refugiam nesse espaço, mais confortável, quente no inverno e fresco no verão, onde ninguém lhe exigirá nada e poderá ocupá-lo o quanto quiser, sem pagar por isso.

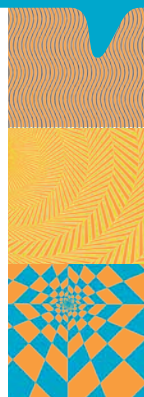
Sob esse novo olhar, a chegada dos quadrinhos às bibliotecas pode ser vista quase como uma consequência natural, ainda que tenha precisado quebrar, como sabemos, certos preconceitos, e obrigar os bibliotecários a conhecer este gênero

tão simpático entre a população. A partir de então, os quadrinhos são vistos como uma oportunidade.

Apesar da origem dos quadrinhos possa remontar ao início das diversas culturas, fixa-se essa denominação na primeira metade do século 20 com exemplos na historieta norte-americana, como Superman, Batman ou Pato Donald. Mas na segunda metade desse século, depois da Segunda Guerra Mundial, seriam os quadrinhos franco-belgas os que começariam a ocupar um espaço destacadíssimo no gênero: Tintim e os Smurfs são exemplos contundentes. Devido a isso, serão as bibliotecas francesas que começarão, na década de 1960, a introduzir esse gênero em suas coleções com um êxito cada vez mais crescente.

Na América Latina, especialmente graças à escola argentina, com autores como Quino – com sua já tradicional Mafalda –, Fontanarrosa, Liniers e vários outros, a leitura da historieta, ou tira cômica, se torna cada vez mais intensa e inicia uma tímida entrada no espaço formal do livro: a biblioteca.

**Biblioteca Monteiro Lobato
[Guarulhos/SP]**
A Gibiteca/Mangateca realiza exposições temáticas, sendo que o público envolvido é o adolescente e o adulto.



**Biblioteca Nair Lacerda
[Santo André/SP]**
Oferece intensa programação com realização de oficinas de desenho e ilustração, criação de histórias em quadrinhos, mangás e fanzines; promove palestras, workshops, exposições e encontros de fãs dos quadrinhos e cultura pop.



Biblioteca Maria Helena Marcondes [Santa Isabel/SP]
Atende a um público bastante expressivo: cerca de 14 mil usuários. Isto porque, além da comunidade de Santa Isabel, outras localidades vizinhas, como Arujá, Itaquá e Guarulhos, visitam o espaço da gibiteca.

Nos anos 1980, o gênero encontra uma massificação importante, primeiro em revistas literárias ou em publicações

contestadoras ao sistema e, em seguida, em edições exclusivamente dedicadas aos quadrinhos. Nos anos 1990, no entanto, a incorporação do gênero às bibliotecas é um fenômeno natural, que se converte rapidamente no favorito de todos os recursos.

Na atualidade, assim como a Internet é uma parte integrante da biblioteca, é impensável criar ou melhorar um acervo bibliográfico ignorando os quadrinhos. Esse gênero é dos mais lidos pelos usuários de bibliotecas e as potencialidades que tem para desenvolver atividades de fomento são muito extensas.

CRIANDO UM ESPAÇO NA BIBLIOTECA

Nas últimas décadas, todas as bibliotecas foram incorporando seções de coleções especiais, com acervos específicos, com mobiliário e decoração apropriada ao público a que se dirige; o caso mais evidente foi a criação dos cantinhos infantis. Em um lugar que não foi projetado originalmente para isso, é criada um área colorida e atrativa, agora não

apenas com livros, mas também com jogos e brincadeiras, além de horas do conto e outras atividades nas quais os pais também participam. Desse modo, igualmente foram sendo criados outros cantinhos e serviços, que em alguns casos deixaram de ser apenas cantinhos e se converteram em salas ou espaços de grande relevância na biblioteca.

Todo espaço e serviço que é criado ou adaptado na biblioteca deve contemplar, antes de tudo, o potencial usuário que fará uso dele; desde o projeto e os acessos, aos formatos e horários, todos os aspectos deverão ser contemplados. Não se pode pensar um serviço, por exemplo, destinado a jovens estudantes, que apenas esteja disponível pelas manhãs, em horários em que eles estão habitualmente assistindo aulas. É como desenvolver um programa destinado à família em uma biblioteca que fecha 'cedo' às tardes e não abre nos fins de semana.

Devemos então pensar muito bem como será o espaço ou os espaços que dedicaremos aos quadrinhos na biblioteca para que nosso esforço seja bem sucedido e tenhamos um número crescente de leitores cada vez mais satisfeitos. O mobiliário deve permitir não apenas acolher as novas coleções, mas também as atividades que se pensa realizar ali,

com a consideração de que sempre, como tudo na biblioteca, precisa ser adaptável, transformável, modificável.

Quando uma biblioteca decidiu utilizar esse recurso como um instrumento para promover a leitura, encontramos que a oferta do gênero é muito ampla e abarca grupos etários e de interesses muito diversos. Frente a esse dilema, podemos optar por focar o trabalho em um grupo específico, mas sempre é possível abordar todos; isso fará da biblioteca um espaço mais plural e inclusivo, onde todos têm um espaço e cada expressão traz sua cor.

DIFERENTES ESTILOS, MAIS OPORTUNIDADES

Desde o clássico quadrinho de super-heróis às tiras cômicas, a variedade de possibilidades que o gênero oferece é muito grande, permitindo capturar usuários de distintas idades, gostos, interesses ou gênero.

Apesar de haver alguns títulos que nunca se deixa de ler, como *Asterix*, um dos mais famosos *long seller*, os quadrinhos não estão isentos das correntes da moda, do cinema ou do mercado. É assim que títulos como *Hellboy*, *300* ou *Sin City*, de Frank Miller, são altamente procurados. Claramente, as aventuras dos gauleses da era romana não compartilham, em

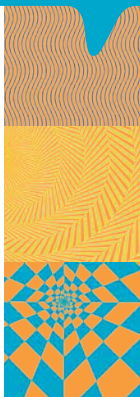
nenhum momento, estilo ou espírito com esses góticos livros contemporâneos. Mas ambos são quadrinhos, ambos são lidos de forma sobressalente e talvez, em alguns casos, pelos mesmos leitores. Ali estão coabitando um espaço muito conquistado.

Entre os gêneros mais procurados está um dos fenômenos de massa que mais impactaram os quadrinhos em âmbito mundial: o mangá. Esse foi um fenômeno que desconheceu fronteiras e se instalou preferentemente entre adolescentes, inclusive em países com uma grande tradição no gênero. O mangá, que literalmente significa desenho informal, nasceu depois da Segunda Guerra Mundial e na década do 1960 invadiu o ocidente.

Títulos como *Fruits basket*, *Nirai Kanai*, *Azumanga Daioh* ou *A arma definitiva: the last love song on this little planet*, para citar apenas alguns, são parte das publicações mais pedidas em bibliotecas e livrarias. Os jovens não apenas as devoram com paixão, mas também se adaptam a sua forma de leitura: essas publicações são lidas como seriam lidas se estivessem em japonês, de trás para frente.

Com a massificação da Internet, apareceu também a historieta digital, denominada quadrinhos digital, e-quadrinhos ou *webcomic*. Milhares de desenhistas, ante as barreiras e dificuldades coloca-

BPM Artur Riedel
[São Roque/SP]
Promove na biblioteca
exposição sobre o Dia Nacional
das Histórias em Quadrinhos.



das pelo mundo editorial, voltaram-se ao mundo digital para mostrar seu trabalho, tendo em alguns casos um sucesso muito grande. E a biblioteca é um intermediário funda-

mental, como modo de acesso, estímulo, fomento e capacitação.

Apesar da enorme penetração estrangeira e o indiscutido sucesso do mangá, os quadrinhos japoneses, também há gratas surpresas: nas bibliotecas públicas do Chile, um dos quadrinhos mais lidos é nada menos que Mafalda, de Quino; mas sem dúvida o número um é o tradicional Condorito, a série de historieta cômica mais tradicional e popular do Chile, protagonizada por um personagem do mesmo nome. Publicada pela primeira vez em 6 de agosto de 1949 por René Ríos, também conhecido como Pepo, Condorito alcançou popularidade e distribuição em toda a América espanhola. Em muitos casos, essa historieta é o título mais lido entre todos os acervos da biblioteca, ganhando inclusive de autores como Isabel Allende ou Paulo Coelho. E isso nos fala não apenas de gênero – quadrinhos, novela, conto etc. –, mas também identidade; talvez porque as pessoas querem se ver, ler e dizer algo de si mesmas.

QUADRINHOS E MENINOS

Talvez pelo costume habitual da literatura infantil de ter abundantes ilustrações ou simplesmente pelo costume natural das crianças de pegar qualquer material que lhes seja atraente, meninos e meninas navegam muito facilmente pelos quadrinhos destinados a eles. E os adultos que são mediadores dessa leitura, pais, professores ou bibliotecários, questionam menos o tipo de 'leitura' que os pequenos têm, talvez porque nessa etapa da vida a simples e, por vezes, necessária necessidade de recreação é menos questionada.

Caricaturas, piadas, quadrinhos ou simples imagens concatenadas, com personagens reconhecíveis e amáveis, são suficientes para um menino ou menina. Basta que estejam ali, na biblioteca, como qualquer outro livro, como uma revista, um jogo ou um brinquedo. Eles decidirão quando pegá-los, quando deixá-los, quando voltar a lê-los.

É necessário que professores e bibliotecários reconheçam o valor desse recurso e sejam capazes de incorporá-lo em suas ações de estímulo e promoção da leitura, não apenas para medir a compreensão, mas como espaço de encontro e recreação, como canto para compartilhar, como momento para imaginar. E, claro, como momento de criação, porque os pe-

quenos podem aproveitar para recontar a história lida nos quadrinhos ou também de construir a sua própria história.

QUADRINHOS E JOVENS

Sem espaço para dúvidas, foram os jovens quem mais se identificaram com esse gênero, e não é sem razão que eles são os seus principais consumidores. Isso ninguém discute. O que às vezes passa despercebido é que eles também são seus principais produtores. Esse fato representa uma oportunidade inigualável para bibliotecas e escolas.

Colocar uma coleção de quadrinhos no lugar que os jovens mais frequentam da biblioteca ou introduzir esse tipo de publicações de modo natural nas aulas dos estudantes de ensino médio são atitudes de um potencial muito amplo. Não é necessário que o professor ou o bibliotecário goste ou entenda esse tipo de publicações. Simplesmente se trata de que eles sejam mediadores naturais entre os jovens e o que lhes poderia interessar e motivar.

Os quadrinhos costumam desenvolver-se em códigos que os mais jovens entendem muito bem: ação, aventura e descomedimento, ousadia, utopia, obscurantismo, pessimismo, violência ou sexo. Os jovens desejam conhecer esses temas

que lhes foram proibidos na infância e que nessas páginas expressam, abundantemente e sem censura, um mundo que se oferece a seu conhecimento.

Pais entusiastas ou programas escolares cuidadosos não fazem mais do que entusiasmar os meninos menores na leitura. Belos livros ilustrados, histórias contadas antes de dormir, livros para colorir, pelúcias dos personagens preferidos; tudo é um campo bem adubado para inculcar o prazer pela leitura. E conseguem com êxito. Mas logo chegam a escola e suas obrigações. Então a literatura, que antes servia para entreter, volta em forma de exame em relação ao personagem principal, o retrato psicológico e o desenlace. O mais grave é que se faz com uma literatura que não apenas não é atraente para esses jovens, mas, o que é pior, nem sequer entusiasma os próprios professores. Por que no colégio os estudantes devem ler e estudar um tipo de literatura que não lhes interessa, que não lhes diz nada deles mesmos e ensinado por professores que não são leitores? Assim, é muito fácil entender que aqueles que pretendem inculcar a compreensão da leitura ou de supostos clássicos da literatura são os principais responsáveis por afastar os jovens da leitura.

BPM João Luiz Alvarenga
[Pedreira/SP]
Realiza empréstimo
domiciliar de gibis.



Como nenhum professor nem pai pedirá conta alguma por sua leitura, os jovens adentram na leitura com paixão, mas sobretudo com liberdade. É uma literatura que não existe na escola; é um gênero que os pais desconhecem e os professores depreciam; são histórias que falam de coisas proibidas

até agora; são páginas ilustradas com tudo aquilo que gostariam de conhecer e talvez provar. Assim entendida, a escola é sinônimo de obrigação; os quadrinhos, sinal de liberdade.

Sendo assim as coisas, ninguém estranhará que os antigos leitores infantis voltem à leitura, não graças às tediosas leituras escolares, mas através dos subversivos quadrinhos.

Chegado a esse ponto, cabe perguntar: haverá alguma utilidade e algum efeito fazer promoção da leitura em jovens utilizando os quadrinhos? A resposta não apenas é óbvia para esse caso em especial; abandonar ou menosprezar qualquer ferramenta para o fomento da leitura é desprezar a diversidade de gostos e formas de compreensão do mundo das pessoas com as quais trabalhamos e as quais afirmamos servir. E, com os jovens, nesse sen-

tido, ou nos transformamos em aliados ou nos convertemos em inimigos.

QUADRINHOS, MAS TAMBÉM PARA ADULTOS

Desde suas origens, muitos quadrinhos estavam destinados, especialmente por seu conteúdo, somente a adultos. Nesses são abordados temas como incertezas políticas, histórias policiais, erotismo, sexualidade. Assim, podemos encontrar autores como Milo Manara ou Robert Crumb, que abordam em seus diálogos e vinhetas explícitas imagens eróticas, temáticas muito diferentes às dos jovens. Nessa mesma linha, no Japão se desenvolveram dois estilos desse tipo: o *ecchi* e o *hentai*. Esse último circunscrito preferencialmente ao sexual fantástico. Também é possível encontrar muitos quadrinhos com temáticas homossexuais ou lésbicas, como as de Tom da Finlândia.

Também há quadrinhos dirigidos a adultos que possuem alto conteúdo social, político ou que dão conta de temas de gênero. Muitas vezes trata-se de tiras cômicas que aparecem em jornais e que logo passam a fazer parte de livros, em alguns casos de seriados. Tais são os casos de Maïtena, Quino ou Liniers, por exemplo.

Outra corrente do gênero, mais destinada a adultos, é o que se denominou

novela gráfica, onde se conta uma única história, geralmente em formato livro. Destacado é o caso de *Persépolis*, história autobiográfica da iraniana Marjane Satrapi, que foi levada ao cinema. Também há autores ilustres como Art Spiegelman, ganhador do Premio Pulitzer, em 1992, por seus quadrinhos *Maus*.

Existem, pois, múltiplas alternativas, e de grande qualidade em cada caso, de quadrinhos para adultos. Apesar disso, esse vasto material não costuma estar presente em bibliotecas. Isso pode ser devido a variadas razões, mas o certo é que, com essa medida, perde-se uma oportunidade valiosa de captar novos leitores e usuários. Naturalmente, esses quadrinhos não devem estar junto aos destinados aos mais jovens, mas isso não significa que não devam estar disponíveis nas estantes da biblioteca. Não se trata de um material ilegal e costuma ser vendido nas livrarias como qualquer outra publicação.

As potencialidades que esse tipo de publicação tem é muito grande. Muitas vezes os adultos, por distintas razões, vão deixando de ler. Se um deles entra na biblioteca, essa leitura pode ser para ele não apenas simples, mas também muito atraente, divertida e viciante.

O que fazer? Algumas propostas para

trabalhar com quadrinhos em bibliotecas.

As possibilidades que esse gênero oferece para produzir diversas atividades em uma biblioteca são muito variadas. Isso permite o acesso a um público que muitas vezes não costuma fazer uso dos serviços da biblioteca. Em outras palavras, permite capturar como leitores estudantes que vêm fazer lições ou deveres. Essas atividades oferecem uma oportunidade de expressão, discussão, criação, geração de conteúdos e participação em amplos setores de nossa comunidade.

CLUBES DE LEITURA

Assim como ocorre com a literatura – romances, contos, poesia –, os quadrinhos permitem a geração de grupos de discussão e conversação em torno do mundo das histórias ilustradas. Isso pode ser realizado com diversos grupos etários, que podem diversificar-se conforme os interesses, o tipo de quadrinhos ou historietas que sejam de seu agrado.

Os clubes de leitura são altamente inclusivos, pois não exigem nenhum talento para produzir ou desenhar quadrinhos. São também um espaço de participação,

BMOL – Espaço Cultural Biblioteca Infantil [Lençóis Paulistas/SP]
Realiza a “Hora do Conto” para grupos agendados pelas escolas e pela comunidade.

BPM de Tiriúba/SP
Promove, em parceria com escolas e ONGs, diversos eventos na gibiteca. Realiza atividades de mediação de leitura com gibis, fazendo dinâmicas antes e depois das leituras.

não apenas para que as pessoas possam expressar-se livremente, mas que, além disso, possam interagir com outros, debatendo e estimulando o espírito crítico.

A discussão que se produz nesses grupos é de grande relevância para a biblioteca, toda vez que operam como uma sorte de comitê de seleção; os resultados desse diálogo deverão ser considerados no momento de continuar a compra dessas coleções. Da mesma forma, é recomendável que esses grupos possam registrar por escrito seus diálogos, de modo a poder divulgar para outros, por exemplo, por meio de um blog. Assim estamos gerando, de um lado, conteúdos a partir da biblioteca e, de outro, estendendo a discussão para muitos outros.

CONVERSAS E ENCONTROS COM DESENHISTAS DE QUADRINHOS

Costuma haver uma quantidade importante de desenhistas de quadrinhos com os quais se pode trabalhar. Eles costumam ser conhecidos e apreciados por seus fãs, mas não é tão comum ter a oportunidade de falar com eles, que contem detalhes da sua carreira, ou que mostrem como desenham ou inventam suas histórias. Esses encontros com gente mais ou menos relevante no cenário dos quadrinhos produzem uma atração também nos novos leitores.

Os criadores costumam pertencer a círculos ou circuitos conhecidos, ou estão vinculados a publicações como jornais ou revistas. Em muitos casos, eles serão também os que estão dispostos a realizar oficinas na própria biblioteca.

OFICINAS

As oficinas para a realização de quadrinhos podem ser realizadas em forma integral ou subdividir-se em desenho de vinhetas, roteiro ou produção. Podem ser realizadas com diferenciação de idade ou pela categoria que se queira desenvolver: caricatura, historieta, quadrinhos europeus, mangá etc. É muito habitual que os jovens, principalmente, prefiram desenhar no estilo do mangá; aquilo é um fenômeno mundial e não deve ser restringido. É muito recomendável, todavia, dar uma visão mais geral da cena: desde os clássicos quadrinhos norte-americanos, como Marvel ou DC Comics, aos famosos quadrinhos belgas e franceses, mas sempre com um olhar o mais amplo possível à produção nacional e local, desde o mais conhecido e comercial às manifestações mais alternativas. Isso enriquecerá o catálogo visual dos presentes à oficina.

Muitas vezes a coincidência entre bom desenhista e bom criador de histó-

rias e diálogos não ocorre em uma mesma pessoa; é altamente recomendável poder gerar oficinas de especialização, algo como 'Oficina para desenhar quadrinhos' ou 'Oficina de roteiro de quadrinhos'. Isso pode, além de ensinar certas ferramentas, permitir desenvolver estratégias de trabalho em equipe.

Outra linha importante de oficinas nesse âmbito é a de produção: ensinar como fazer dos quadrinhos um material a ser publicado. Além de ferramentas básicas para produzir, pelo menos, uma publicação artesanal autoadministrada e de maneira econômica, é extraordinariamente útil entregar conceitos vinculados à gestão e o desenvolvimento de alianças. A fim de ter êxito na aventura empreendida, é aconselhável mostrar que se o trabalho é feito em conjunto, aumentam as possibilidades de sucesso. Do mesmo modo, e dependendo da realidade local, é bom mostrar da forma mais ampla possível as alianças que podem ser feitas para publicar; as ideias dos presentes à oficina costumam ser muito úteis: "um tio meu tem uma fotocopadora" etc. E finalmente se deve trabalhar muito bem sobre os meios de distribuição: bibliotecas, escolas, sedes de bairro, clubes esportivos, igrejas, entre outros.

APOIO À PRODUÇÃO INDEPENDENTE DE QUADRINHOS

Existe uma quantidade muito importante de produções independentes e semiartesanal de criadores que não têm espaço ou acesso às editoras mais tradicionais, revistas ou jornais. Costuma ocorrer que essas produções falam muito mais do local, muitas vezes interpretando melhor os interesses e necessidades da comunidade de onde é criada.

A biblioteca deve ser um espaço de acolhida para esses grupos, adquirindo e dando relevância a essas coleções, bem como dando espaço para que realizem outras atividades como lançamentos, conversas ou exposições. Isso facilita, ainda, a geração de um programa ao redor dos quadrinhos: com esses grupos é possível gerar também as oficinas. É fácil imaginar também que das mesmas oficinas surgirão outros grupos independentes que, por sua vez, gerarão uma nova rede. E a biblioteca tem de ser sempre o espaço que os acolhe.

CRIAÇÃO DE QUADRINHOS NA INTERNET

Atualmente, muitas bibliotecas contam com acesso à Internet gratuito



BPM Prof. Nelson Foot [Jundiaí/SP]
Promove agenda de palestras,
curios e exposições e realiza o
projeto "Trouxeste a chave?" –
visitas monitoradas com mediação
de leitura.

Bibliotecas Públicas Municipais de Franca [Franca/SP]
Realiza exposições e oficinas de HQ em todas as bibliotecas do município.

para seus usuários. E, como havíamos indicado, a Internet está cheia de ferramentas que podem ser úteis aos usuários, não apenas para ler no computador mas para criar nele. São muitos os exemplos de páginas destinadas à criação de quadrinhos online; do mesmo modo, também há *software* disponível e destinado a criar quadrinhos. E,

além disso, há centenas de fóruns e redes especialmente dedicados ao tema.

As possibilidades são muito amplas e explorar todos esses recursos

será tarefa do bibliotecário, no papel de mediador, de modo a encontrar as ferramentas justas para as pessoas específicas que tenha pela frente.

Todas as realizações que sejam produzidas em formato papel podem ser também disponibilizadas na Internet com o escaneamento das páginas e formatação adequada do arquivo (formato .jpg, .pdf etc.) e dispostas em um site, blog ou algumas das dezenas de alternativas que a Web 2.0 ou as redes sociais oferecem. Isso permitirá chegar a públicos muito amplos e remotos, possibilitando ainda interagir entre os criadores e seus públicos virtuais.

EXPOSIÇÕES

Uma forma eficaz e muito abrangente para divulgar os quadrinhos é com a realização de exposições, sejam individuais ou coletivas, de artistas do gênero. Além da chamada natural que uma exposição produz, é o momento de gerar novos espaços de discussão, debate e oficinas, ensejando a participação de um grupo muito amplo, desde o caricaturista do jornal ao desenhista de mangá, do mais jovem ao mais velho.

Esses trabalhos podem ser realizados em união com escolas, institutos ou universidades que tenham uma área de desenho e/ou arte; ali costumam ser produzidos importantes movimentos em torno da ilustração. Do mesmo modo, bons aliados podem ser jornais e institutos binacionais, especialmente os de países que são tradicionalmente produtores do gênero.

QUADRINHOS E ESCOLA

É reconhecido o papel que a escola tem – especialmente o dos educadores – no fomento da leitura no mais amplo sentido da palavra. Se o professor costuma ler histórias em voz alta para os seus alunos pelo simples prazer de ler, ou escolhe leituras que estimulam a imaginação, ele estará oferecendo mais alternativas, seduzindo-os a buscar seus próprios gostos e leituras. Um professor que busca ensinar o gosto pela

leitura antes que seus alunos aprendam de memória as partes de um romance, está entregando ferramentas para a vida.

Especialmente para os jovens de ensino médio, que buscam diferenciar-se do resto e fazer parte do grupo que lhes parece que melhor os representa, os estilos literários menos tradicionais podem ser um poderoso atrativo.

Se introduzirmos um instrumento tão pouco tradicional na educação escolar, mas tão próprio de jovens dessa idade, podemos gerar uma poderosíssima ferramenta de trabalho para as disciplinas de linguagem e artes. Sobretudo, estaríamos dando a partir da escola a possibilidade, muitas vezes escassa, de que o jovem estudante se expresse a partir de sua realidade, desenvolvendo todos os seus talentos e interagindo com outros nesse processo criativo.

CONCLUSÃO

Não devemos esquecer que os quadrinhos, apesar de terem um poderoso atrativo em amplos grupos de pessoas e especialmente em jovens, opera do mesmo modo que o resto do acervo bibliográfico da biblioteca, da escola ou do lar: precisa de um mediador, de um animador para a leitura, de um líder que guie e seja capaz de ir abrindo novas janelas para a leitura, porque estas são infinitas.

GONZALO OYARZÚN

Bibliotecário, nascido em Santiago (Chile), possui também estudos em Literatura. Foi fundador e diretor da Biblioteca de Santiago, a maior biblioteca pública do Chile. Atuou em diferentes áreas da biblioteconomia no país, tanto na academia quanto no serviço público e na iniciativa privada, e em bibliotecas e centros de documentação especializados. Escreve para várias publicações sobre bibliotecas públicas e promoção à leitura. É professor universitário do curso de Bibliotecas Públicas e de Desenho e Avaliação de Projetos. Atualmente é Coordenador Nacional do Sistema de Bibliotecas Públicas do Chile e presidente da Iberbibliotecas.



Organização de uma coleção de quadrinhos e gestão do espaço físico

Vicente Funes

O presente capítulo aborda a organização de um serviço de gibiteca e a relação da distribuição dos espaços e as coleções.



Com uma concepção eminentemente prática se avaliam as vantagens e inconvenientes de diferentes modelos com o objetivo de otimizar superfícies e equipamentos para que cada centro, segundo suas características, decida qual é a solução que melhor se adapta a suas possibilidades. Variáveis como orçamento, espaço disponível, mobiliário, tamanho da coleção ou a receptividade tanto do pessoal da biblioteca como dos usuários potenciais do serviço serão importantes na hora de decidir entre umas opções ou outras. Mas, em qualquer caso, seja qual for a alternativa adotada, a proposta deve ser entendida como um conjunto de medidas que aspiram a projetar a gibiteca como uma nova linha de agitação cultural na biblioteca, que envolva leitores, criadores e, inclusive, editores como aliados do serviço.

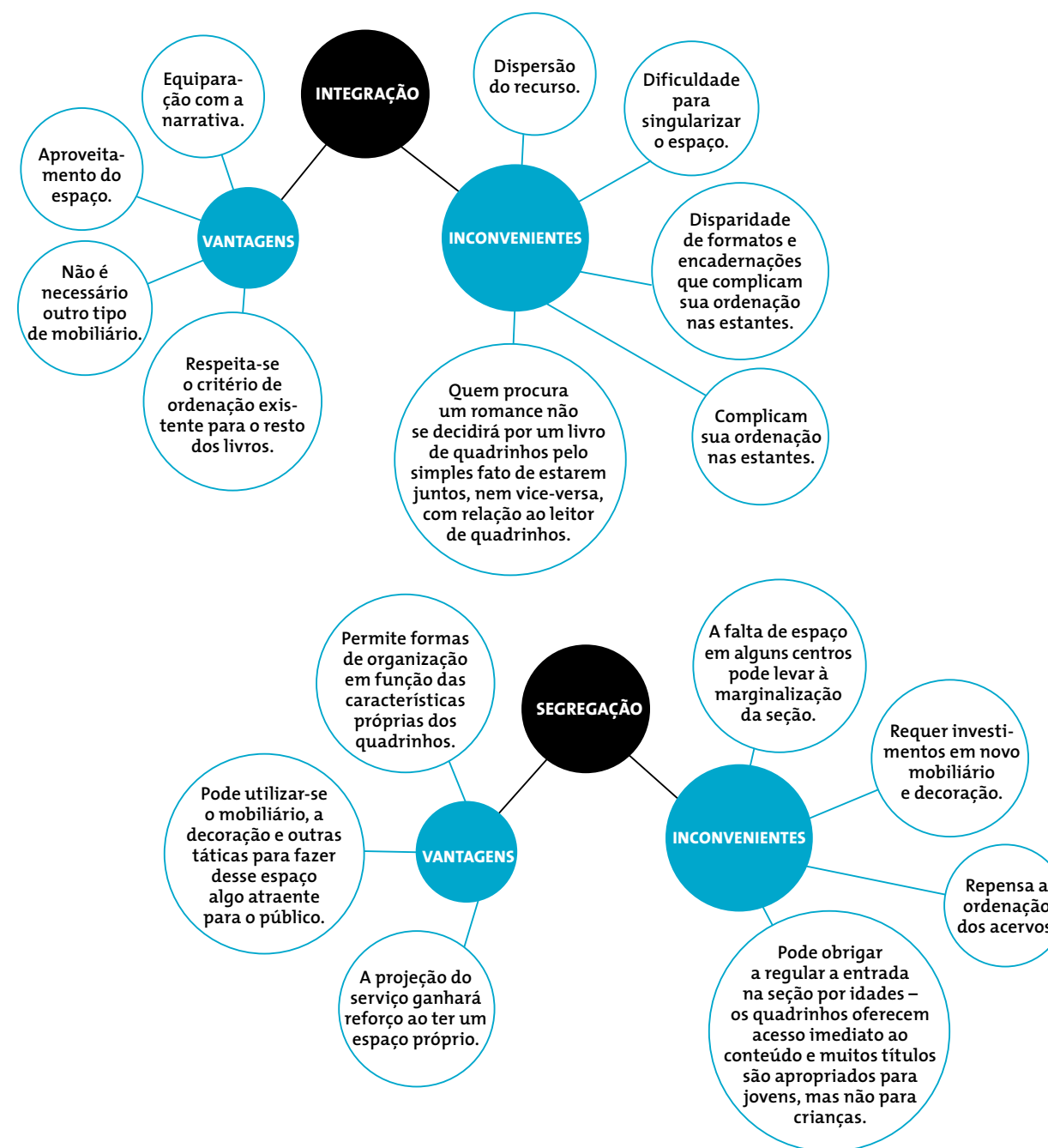
ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO

A LOCALIZAÇÃO

Partindo do fato de que os quadinhos sempre estiveram presentes em maior ou menor medida nas coleções das bibliotecas, a decisão de potencializar esse tipo de acervos nos leva a perguntar de que forma vamos apresentá-los para conseguir os objetivos propostos.

Neste sentido, apresentam-se duas opções: a integração com as monografias na seção de narrativa, ou, pelo contrário, distinguir um espaço próprio com características e organização conformes a suas peculiaridades. A este respeito, cabe enumerar alguns prós e contras que se colocam se optamos pela integração – um modelo próprio do conceito de biblioteca integrada (Domínguez, 1996, p. 123) –, ou pela segregação – um modelo em princípio afim ao conceito de biblioteca tradicional, mas que requer uma série de matizações que o afastam de qualquer conservadorismo que esse modelo pudesse acarretar. Atendendo outros aspectos relativos à organização das coleções, se nos remetemos à ideia de biblioteca tripartite que defende Domínguez (1996), a gibiteca deve situar-se no denominado ‘setor próximo’, ou seja, aquele em que

a oferta de acervos [...] tenta despertar a curiosidade do usuário, e a organização [...] tenta responder à demanda e interesses do usuário de forma fácil e prática [...] os acervos não são apresentados em estantes segundo o modelo tradicional, mas sim colocados em diferentes tipos de expositores (Domínguez, 1996, p. 124).



BPM de Araraquara/SP
Realiza trocas de gibis entre os frequentadores da biblioteca.

Seguindo essa colocação, é oportuno incidir no caráter da gibiteca como área de navegação ou zona para folhear e ser curioso. Esse conceito anglo-saxão, diretamente adotado de práticas comerciais, é reforçado no caso dos quadrinhos pelo grande impacto visual que proporcionam enquanto objeto estético. Grande parte do atrativo e da maneira em que se dispõe a área para fisgar a atenção dos usuários provém do fato antes mencionado

de que o quadrinho é o documento que permite um acesso mais direto a seus conteúdos. Uma vez captada a atenção pelo atrativo das capas, o desejo de folheá-lo será muito maior que em outro tipo de materiais.

Segundo o criador do conceito de “biblioteca tripartite”, Heinz Edmunds, dá-se um terceiro interesse, vago e indefinido, em quem vai a uma biblioteca e não procura um tema concreto, um título ou um autor. Essa indefinição ou falta de interesse formativo ou específico *a priori* pode concorrer com maior incidência no caso dos quadrinhos e jogar a seu favor. Partindo da premissa de que todo mundo tem uma ideia sobre o que são os quadrinhos, o gibi ou a tira, e isso não implica em nenhum caso um conhe-

cimento real deles, ter quadrinhos em nossas coleções facilita que esse terceiro interesse se manifeste de maneira espontânea. Neste sentido, é aconselhável a proximidade com a seção dedicada aos materiais audiovisuais, de maneira que se associe subliminarmente à oferta de documentos baseados na imagem; isso pode ajudar a capitalizar esse terceiro interesse do usuário e a fisgá-lo em favor da nova seção.

DISTRIBUIÇÃO

As considerações em torno da distribuição de espaços são marcadas pela própria idiosincrasia dos acervos. Sobre o grosso da coleção, ou seja os próprios quadrinhos, colocam-se propostas de organização nos próximos itens; mas há questões que se integram diretamente com a racionalização do espaço no caso de separar os acervos, e que atuam como complementos que enriquecem a seção:

Espaço para ler: muitos títulos permitem uma leitura rápida, e, portanto, alguns usuários preferirão lê-los diretamente no centro, sem retirá-los em empréstimo para domicílio, pelo que é importante contar com um espaço para que possam fazê-lo. Um ambiente agradável incitará o prazer

da leitura e nos permitirá colocar em prática algumas das soluções decorativas que ajudem a dotar de personalidade própria o lugar: desde assentos ou almofadas com estampados de quadrinhos, até estantes para mostrar páginas abertas de algum título clássico de grande formato, passando por painéis com exposições temporárias de quadros ou ilustrações que podem ser obtidas sem nenhum custo graças à propostas como as que são tratadas no último item dedicado à possíveis valores agregados.

Seção para revistas de (e sobre) Quadrinhos: as revistas foram um formato predominante nos anos 1980 e um espaço propício para o salto qualitativo da nona arte para um discurso mais adulto. Apesar de seu retrocesso como meio para a publicação de quadrinhos na atualidade, não deixam de ser o âmbito onde se dão a conhecer muitos jovens autores e o espaço para o debate e a pesquisa. Apesar de que o empréstimo ou não desse material dependerá das políticas de cada centro, convém dispor dos cabeçalhos mais significativos que sejam publicados no âmbito mais próximo. De novo se coloca a dicotomia quanto à

integração ou separação, e neste caso, ainda que a proximidade da própria coleção fosse o ideal, algumas bibliotecas com serviços de gibiteca – ante a necessidade de um novo tipo de mobiliário – optam por integrá-las à hemeroteca, o que inicialmente não ajuda muito a promovê-las entre seu público mais próximo.

Zona polivalente: neste ponto se retoma a ideia da gibiteca como uma nova linha de agitação cultural, mas agora do prisma do aproveitamento do espaço. Atividades como conferências, apresentações de títulos, projeções de adaptações cinematográficas ou clubes de leitura precisarão na maioria das vezes dos salões de atos, auditórios ou locais de que disponha, ou que o centro tenha acesso, para desenvolver suas atividades. Mas outras ações, como oficinas, sessões de autógrafos com autores ou cursos sobre quadrinhos podem perfeitamente se desenvolver conforme a orientação da seção, e para isso é conveniente que o espaço circundante possa ser polivalente, permitindo em um dado momento a reestruturação para atuações pontuais. Dessa maneira, rompe-se a ideia de uma simples oferta de títulos para

converter o serviço em ponto neurálgico do *hobby* local e em centro de acolhida para tudo o que tenha a ver com a criação e o desenvolvimento da arte sequencial. Por exemplo, aproveitando os laços que os quadrinhos estabelecem com a cultura urbana e *underground*, poder-se-ia patrocinar a elaboração de um fanzine para promover a própria biblioteca e o grupo de autores locais. Abrigar nas instalações a equipe de redação e seus colaboradores, da maneira que algumas bibliotecas nórdicas dispõem de locais de ensaio para bandas de música, seria outra opção que contemporiza sua oferta. Com esse tipo de soluções, a biblioteca impulsiona o novo serviço, mas o efeito será recíproco e a gibiteca terminará dinamizando a biblioteca, abrindo-a a novas paisagens culturais que favorecem a inclusão social e cultural dos jovens.

Espaço multimídia: por último, é necessário mencionar a oportunidade que a gibiteca oferece como campo de testes para um modelo de biblioteca em que a inter-relação entre meios seja total. Entre as publicações impressas, os quadrinhos talvez sejam aquela que mais rápido e de maneira mais criativa sabe aproveitar o meio digital

para ampliar horizontes, sem fechar-se por isso a nenhum dos âmbitos em que se desenvolve. Como exemplo para esclarecer essa ideia, e reposicioná-la em relação à distribuição do espaço, a inovadora obra *Body World*, do jovem autor norte-americano Dash Shaw, que nasceu – como tantas outras – na internet e posteriormente conheceu sua versão impressa para tomar corpo como objeto artístico. O fetiche estético que a encadernação e a disposição das ilustrações – ao menos em sua edição norte-americana – nos propõem, vem tornar tangível a volátil experiência de ler em tela, complementando-a e ampliando-a. Por isso, será interessante dispor de um terminal ou computador para ter acesso, ler ou baixar quadrinhos digitais, bem como seleções de *links* para blogs, fóruns, revistas online e *websites* de destaque sobre a matéria, ou para treinar com *software* gratuito destinado à elaboração de quadrinhos – por exemplo: *Comic life*, criador de *Comic book*, *software Comic strip*, *Cartoon drawing software for kids...* Da mesma forma, deve-se prestar atenção a como se desenvolve tudo o que se refere ao livro eletrônico, pois as grandes editoras de quadrinhos já estão editando

para este meio e algumas séries de gêneros de grande tiragem como os super-heróis ou o mangá mais comercial, são especialmente suscetíveis de serem publicados diretamente em sua versão eletrônica. Por fim, trata-se de levar o mais longe possível a convivência entre diversos suportes em um mesmo espaço, não tanto por aplicar o conceito de biblioteca integrada, como por oferecer uma experiência total ao usuário em suas diferentes facetas de leitor, espectador, internauta e eventual criador.

MOBILIÁRIO

Tanto se optamos por um modelo separado ou por um integrado com a narrativa, existem mobiliários adaptáveis às necessidades de cada centro. Obviamente, o maior inconveniente do integrado será a disparidade de formatos e encadernações que tornarão incômoda sua colocação nas prateleiras das estantes clássicas. Caso contrário, se decidimos criar um espaço próprio, seja em estantes ou com mobiliário projetado especialmente, cabem várias possibilidades. Em todo o caso, seja qual for a escolha, é aconselhável sempre aproveitar a estupenda propaganda que nos oferecem os próprios quadrinhos.

Dispô-los de maneira que suas capas fiquem à vista é uma solução que nos assegura uma diferença decorativa que identifica univocamente o espaço.

Se por razões de orçamento ou de superfície disponível nos vemos forçados a usar as clássicas estantes, também cabem modificações que nos ajudarão a superar os inconvenientes que a disparidade de formatos apresenta. A seguir são detalhadas três tipologias básicas de mobiliário que contemplam as variáveis descritas até o momento:

Prateleiras com separações móveis:

a típica estante, mas com as prateleiras compartimentadas de maneira que possamos distribuir os quadrinhos segundo seus tamanhos: O mangá (17 x 12 cm em sua medida mais padrão), o típico formato de álbum europeu (32 x 24 cm), o *comic-book* (26 x 17 cm, caderninhos com a lombada grampeada que unem, à fragilidade de sua encadernação, o quanto facilmente se deformam quando ordenados verticalmente) ou as recopilações de



**Bibliotecas das Escolas do Futuro
Dalila Galli [São Carlos/SP]**
A partir da experiência com palestras sobre mangá, que teve ótima aceitação da comunidade, essa atividade foi introduzida em todas as bibliotecas das Escolas do Futuro da cidade.

quadrinhos de jornais de forma retangular (24 x 34 cm). Inevitavelmente, esse tipo de mobiliário é tão condicionado pelo tamanho e pela encadernação, que a organização dos acervos terá de adaptar-se de alguma maneira para que prime pelo formato. Neste caso, a recomendação de aproveitar o atrativo das capas fica fora de jogo, a não ser que seja reservada pelo menos uma estante – de novidades ou centro de interesse – para localizá-los, mostrando-os de frente, perderemos este fácil e eficaz chamariz.

Módulos que combinam a ordenação vertical com uma parte de exposição: existem no mercado vários modelos de estantes que combinam a ordenação vertical dos acervos empilhados de maneira convencional com outras prateleiras dispostas para se colocar determinados exemplares de maneira que suas capas fiquem expostas. Nessa parte – preferencialmente na área superior e mais visível das estantes – cabe a localização de novidades editoriais e de obras que sejam atuais por qualquer razão – por exemplo, homenagens, centros de interesse, títulos premiados, falecimento de um autor ou quadrinhos

1. Pode ser visto um álbum fotográfico da Gibiteca da Biblioteca Regional de Múrcia no site: <http://picasaweb.google.com/brmurcia/FotosComiectca>.

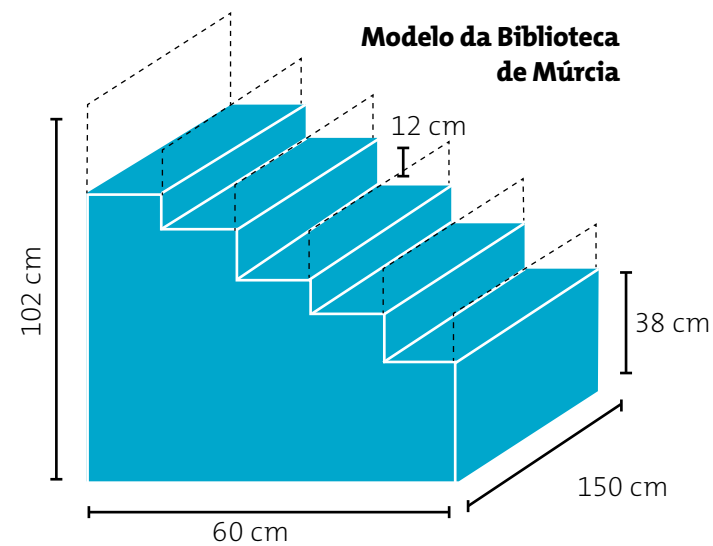
adaptados recentemente para o cinema, entre outros.

Módulos escalonados de madeira e metacrilato: esse tipo de mobiliário se baseia no modelo projetado para a Gibiteca da Biblioteca Regional de Múrcia, na **Espanha**.¹ Trata-se de módulos escalonados em quatro desníveis com frontais de metacrilato em cada um, o que permite, como já se colocou, dispor a seção aproveitando o cromatismo que trazem as chamativas capas. Esses módulos podem ser acoplados pela parte posterior, formando pirâmides escalonadas, em que os quadrinhos se ordenam com facilidade, e solucionam o problema de sua disparidade de formatos ao permitir agrupá-los segundo nossos interesses. Esse modelo, adaptado em muitas áreas dessas características inauguradas recentemente em bibliotecas espanholas, pode parecer a opção mais custosa ao pressupor sua fabricação por encomenda, entretanto, dada a simplicidade dos materiais e de sua estrutura pode ser fabricado por qualquer oficina local. Suas medidas e capacidade são detalhadas no Gráfico 1 como simples dados de orientação, mas obviamente podem se adaptar segundo a superfície disponível em cada centro.

Os módulos podem abrigar entre 150 e 200 exemplares – dependendo, logicamente, de sua espessura –, e equivale a 7,5 metros lineares de estantes convencionais. No caso de optar-se por este modelo, aconselha-se a simplicidade de linhas e cores, potencializando, assim, o próprio quadrinho como elemento decorativo, cujas capas são vistas graças à transparência do metacrilato.

SINALIZAÇÃO E DECORAÇÃO

Continuando com os argumentos defendidos até o momento, na hora de potencializar e dinamizar um espaço dedicado aos quadrinhos é obvio que a sinalização e a decoração se revestem de especial importância. A riqueza gráfica dos quadrinhos, as convenções de sua linguagem, estilos e personagens mais característicos oferecem mil oportunidades. Um erro em que se pode incorrer ao explorar a abundância de imagens da nona arte é infantilizar a decoração abusando em sua dependência de leituras dirigidas exclusivamente à crianças e excluindo de imediato jovens e possíveis adultos que pudessem sentir curiosidade pelos novos enfoques que revalorizaram a arte sequencial. Se buscamos captar a atenção da juventude, tão imersa na cultura da



imagem, a potência visual dos quadrinhos joga a nosso favor, mas sempre com foco em colocações mais adultas.

Os concorridos balões de fala, as onomatopeias, as linhas cinéticas e, por fim, o sugestivo arsenal de recursos expressivos dos quadrinhos são facilmente adaptáveis como cartazes, rotulação ou sinalização do espaço. Se a isso acrescentarmos que podemos juntá-los, sem grande esforço, a toda uma tradição da arte pop – de Roy Lichtenstein a Andy Warhol, Jean-Michel Basquiat, Keith Haring ou os grafites –, e com uma série de movimentos contraculturais, musicais e artísticos em que se baseiam muitos dos produtos que os jovens consomem, pode-

mos concluir que as opções para decorar essa seção sem incorrer em infantilismos são variadas.

Continuando com essa personalização visual do espaço, é possível aproveitar a proximidade geográfica aconselhada com a seção de audiovisuais e converter em outro elemento de decoração, uma tela posicionada em um local de destaque – pendurando do teto ou em um suporte que a eleve – em que se emitam ininterruptamente imagens sem som: fragmentos de *animes*, capas escaneadas de novidades junto a breves resenhas, curtas animados baseados em quadrinhos ou os trailers cada vez mais habituais com que as editoras ou autores anunciam a publicação de suas obras na rede, independentemente de que elas venham à luz em formato digital ou impresso – sirva de novo o exemplo anterior, *Body World* de Dash Shaw que conta com seu próprio trailer no Youtube. Trata-se de tirar vantagens dessa cultura audiovisual que tudo impregna e estender a ideia de um ‘canal’ próprio de televisão nas salas da biblioteca, para que sirva como elemento decorativo e também informativo. Dessa maneira, a experiência total do usuário como leitor, espectador e internauta se dará em um simples passeio por nossa sala, aumentando exponencialmente o efeito propaganda.

A COLEÇÃO CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Se partimos de um conhecimento prévio de nossos usuários, poderemos intuir interesses que nossa oferta possa satisfazer. Por isso, este item vai se concentrar em sugestões que busquem tornar nossa coleção o mais amortizável possível por diversos pontos de vista:

- Do prisma da perduração da coleção a aposta é clara a favor da encadernação em cartonado. O auge do romance gráfico (romances adaptados aos quadrinhos) está fazendo que o cartonado se estenda como encadernação para todo tipo de gêneros, por esse prurido de respeitabilidade que outorga a semelhança com a narrativa. Resistem o mangá mais comercial e o gênero de super-heróis, mas mesmo neste último caso estão se impondo as edições em volumes de séries previamente publicadas em formato *comic-book*.
- Na hora de iniciar a aquisição de um título em vários volumes devemos considerar a duração da série e o custo para assegurar sua manutenção. Nada pode afetar mais a assiduidade de nossos visitantes do que não poder continuar suas sagas favoritas. Especialmente no

caso do mangá, deve-se tomar em especial consideração esses pontos dada a extensão de suas séries.

- Na escolha de títulos, deve-se procurar ter a maior gama de gêneros, estilos e temáticas. Indubitavelmente devem estar presentes os super-heróis, o mangá, aventuras, clássicos, humor... Mas não podemos esquecer que os quadrinhos há muito se tornaram adultos e ainda que, em princípio, dirijamos nossos objetivos a captar leitores jovens, os quadrinhos ou o romance gráfico – tão contemporâneo –, abarca todo tipo de temáticas para os mais velhos – relações de casal e família, temas sociais, crônicas jornalísticas, assuntos de palpitante atualidade etc. Graças a eles, além de nos permitir ser mais ambiciosos em nossos alvos e nos dirigir também ao leitor adulto, poderemos salvar esse vazio que faz com que tantas crianças ao crescer não cheguem a ser leitores por não encontrar títulos que lhes seduzam como o lazer audiovisual e que os acompanhem em seu desenvolvimento pessoal e intelectual.
- É importante reservar um item para obras teóricas e práticas sobre os

quadrinhos, que sirvam para sustentar o aprendizado de novos talentos interessados em imitar seus autores favoritos. Não devemos esquecer que com os quadrinhos nos encontramos em um âmbito de ação cultural incipiente – apesar de seu longo percurso –, com um território de leitura e formação até agora desaproveitado, de que a biblioteca pode se transformar em um complemento aos três agentes ativos do setor: autores, fãs e editoras. Complementar para os autores por tornar conhecida a sua obra, por proporcionar-lhes materiais de trabalho – o acervo de publicações sobre quadrinhos; complementar para os editores por ajudar a propagar o hobby em todo o tipo de público; e um complemento óbvio para os fãs por permitir-lhes decidir que títulos engrossarão suas gibitecas privadas.

- É bom remarcar a obrigatória presença do mangá mais comercial em nossa coleção se quisermos captar rapidamente a atenção dos jovens. Aqui será impossível abarcar todas as tendências desse gênero, mas esperamos que ao menos esses quatro subgêneros sirvam de maior demanda para orientar a seleção:

- Shonen: para meninos adolescentes, temáticas de ação e aventuras;
- Shojo: para meninas adolescentes, tramas românticas, costumbrismo;
- Kodomo: para leitores infantis, humor, aventuras, contos...
- Gekiga: temáticas adultas, equivalente ao conceito ocidental de romance gráfico.

ORGANIZAÇÃO

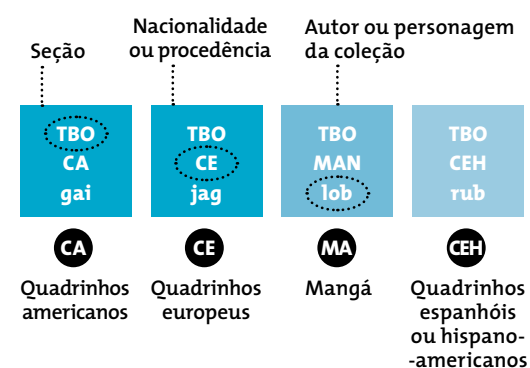
Se nas últimas décadas a organização e distribuição de espaços nas bibliotecas estiveram mirando diretamente as práticas comerciais e de mercado das grandes superfícies, no caso dos quadrinhos essa influência se nota ainda com maior força. Observando como as livrarias especializadas distribuem sua oferta de títulos, pode-se detectar rapidamente quais são os critérios na hora de fisgar a atenção do cliente.

Apesar da classificação por gêneros não ser uma organização de acervos alheia às soluções que algumas bibliotecas adotam com a narrativa, no caso dos quadrinhos caberia considerá-la como mais apropriada para a coleção infantil do que para uma gibiteca orientada a um público juvenil-adulto. É aconselhável o agrupamento por gêneros no catálogo, mas não há necessidade de haver uma correlação com a ordenação física. Nesse sentido, atendo-nos às convenções ao redor dos quadrinhos, a

procedência geográfica é um traço apreciável entre os fãs e que serve também para situar facilmente aos que queiram iniciar-se em sua leitura. Se recorreremos ao lugar comum, existe certa identificação entre os quadrinhos norte-americanos e os super-heróis ou entre o mangá e a ação mais violenta; mas, felizmente, a permeabilidade entre gêneros, procedências, estilos e linguagens é cada vez mais intensa e quem se interessa por uma leitura sem preconceitos descobrirá que há, e houve, quadrinhos de todo o gênero, seja qual for a latitude em que se publique.

Basicamente, a proposta de organização por procedência se baseia em quatro grandes grupos, aos quais são atribuídas cores que facilitam sua identificação e ajudam na construção da simplicidade que deve primar na ordem e disposição dos acervos (Gráfico 2).

FORMATO DE IDENTIFICAÇÃO DOS QUADRINHOS



Uma vez agrupados por procedência – e aqui, segundo critério do profissional, cabe considerar tanto a procedência dos autores, como a da edição original –, ainda se pode tentar uma subclassificação no caso de coleções suficientemente grandes. Esta subclassificação também se inspira em certas convenções tácitas existentes entre os fãs, segundo as quais se diferencia entre quadrinhos de autor ou de gênero – apesar de que aqui para não confundir terminologia, convencionalizamos denominá-lo quadrinhos de personagem/coleção. Qualquer pessoa pode entender o que defende esta nova hierarquização se opusermos um título como *Maus* de Art Spiegelman ou *Persépolis* de Marjane Satrapi – protótipos dos quadrinhos de autor por excelência –, com séries como *Blueberry* ou *Naruto*. O conceito fica claramente delimitado, mas inevitavelmente a prática colocará dúvidas na hora de localizar mais de um título em uma categoria ou outra; mas, ante esses casos, nosso interesse organizacional deve ser primordial, sobretudo visando a facilidade para que os usuários os localizem. Por exemplo, podemos decidir que toda obra em mais de cinco volumes será considerada quadrinhos de personagem/coleção – nem sempre é fácil saber, ao adquirir o primeiro tomo,

quantos completarão uma coleção, mas costuma-se conseguir esse dado com um pouco de pesquisa em páginas especializadas na Internet. Por fim, fechando essa estrutura organizacional, cabe uma nova hierarquização dentro dos quadrinhos norte-americanos, que seria a própria dos super-heróis, com a qual não rompemos o critério de procedência que seguimos, mas introduzimos uma anotação de gênero que ajuda a racionalizar ainda mais a ordenação.

As soluções até aqui propostas facilitarão localizar rapidamente os acervos, bem como preservar a ordem da coleção. Sobretudo se optamos por um mobiliário que nos permita ordenar as capas como carta de apresentação, essa forma de organizar os exemplares correrá paralela a uma perda de importância da etiqueta de identificação, que será praticamente substituída por uma etiqueta em um canto da capa. Nessas etiquetas se realiza a ordenação graças ao contraste entre cores e formas da seguinte maneira:

- Etiquetas circulares com o fundo da cor correspondente – vermelho, azul, amarelo, laranja – com a inicial do terceiro elemento da identificação em preto, para títulos classificados como de personagem/coleção;

Etiquetas circulares com a inicial do terceiro elemento da identificação na cor correspondente e o fundo branco, para títulos classificados como de autor;

Etiquetas quadradas de fundo vermelho para super-heróis, com a inicial do personagem principal em preto.

Exemplo: segundo o exposto e retomando os títulos anteriormente citados, a etiqueta correspondente a *Maus* de Art Spiegelman – considerando quadrinhos de autor, de procedência norte-americana com identificação: TBO CA spi – seria circular com o fundo branco e a primeira letra do sobrenome do autor, ‘S’, em vermelho. A etiqueta que corresponderia a *Blueberry* – quadrinhos de personagem/coleção, de procedência europeia com identificação: TBO CE blu –, seria circular com o fundo azul e a ‘B’ de *Blueberry* em negro.

Não é preciso dizer que cada centro saberá adaptar ou acordar a maneira de organizar que melhor convenha a seus interesses. Apesar do critério da procedência ser muito útil, seja qual for o tamanho da coleção, não há porque exigir para coleções pequenas ou médias

que não requeiram pautas extras que reforcem seu manuseio subclassificar por autor/personagem/coleção; mas, sim, interessa manter a de super-heróis por ser um gênero com uma demanda muito concreta, assim como a do mangá.

Para terminar, devemos insistir em que diante das dúvidas de localização de um título por procedência sempre poderemos recorrer ao país da edição ocidental ou, se for necessário, abrir uma quinta categoria que acolha latitudes não integráveis em nenhum dos quatro grupos anteriormente descritos, como pode ser o caso de obras da israelense Rutu Modan, da libanesa Zeina Abirached, da marfinense Marguerite Abouet e de outros artistas que conseguiram ultrapassar fronteiras de países sem grande tradição de quadrinhos, demonstrando a capacidade da nona arte para abrigar novos discursos criativos.

PROCESSO TÉCNICO

O escasso apreço ao potencial dos quadrinhos que até agora as bibliotecas tiveram também persiste ao serem reconhecidas certas peculiaridades na hora de integrá-los aos seus catálogos. Seu caráter entre monografia e publicação seriada provocou dúvidas, que fizeram com que seu tratamento técnico padeça

de falta de uniformidade. Seguindo o raciocínio anteriormente exposto, de que um leitor escolhe em suas buscas os livros ou as revistas segundo seu interesse, é igualmente compreensível que ao buscar em um catálogo prefira identificar rapidamente se uma obra é em quadrinhos. Por isso, a seguir são esquematizados três práticas seguidas nos catálogos de algumas bibliotecas – com base nas pautas definidas no International Standard Bibliographic Description (ISBD) e no formato **MARC2** – remetendo a reflexões como as desenvolvidas por Jesús Castillo Vidal sobre a catalogação de quadrinhos para quem desejar aprofundar-se no assunto:

- Utilização do título uniforme – etiquetas 130-240 conforme aplicável – como uma maneira de unificar coleções;
- Interpolação da palavra quadrinhos como subtítulo no subcampo \$b da etiqueta 245 como uma maneira rápida e simples de informar o usuário. Outra opção é a utilização do \$b da etiqueta 300 para incluí-lo como um elemento a mais de descrição física;
- Uso da etiqueta 655 – gênero/forma – para classificar por procedência e por gêneros conforme uma listagem preestabelecida.

VALORES AGREGADOS

Segundo Lozano (2006, p. 290), “para poder fidelizar clientes é necessário sempre acrescentar algo além do esperado, um valor, um agregado ao serviço capaz de surpreender o cliente e que possamos ainda assumir com nossos recursos”. No caso da gibiteca, esses valores agregados já foram esboçados em algumas das soluções adotadas até o momento, mas podem ser ampliados e concretizados se nos propusermos a abarcar tudo que se refere à ilustração. Cabe anotar que algumas gibitecas já o fizeram, e diante da difusa fronteira conceitual que separa, em muitos casos, o que é quadrinhos de uma tira de jornal ou de um romance em imagens – como no caso de autores como Edward Gorey, Frans Masereel, Lynd Ward, Max Ernst ou Shaun Tan –, optaram por incluir sob a denominação de gibiteca obras em geral sobre ilustração, afrontando a coleção como uma área especializada na imagem impressa em geral. Dessa forma, é bom ressaltar que cada vez mais os estudantes de Belas Artes recorrem aos quadrinhos como opção para expressar seu discurso artístico e as artes plásticas, que desde sempre se interessaram por eles, agora renovam a aproximação com cruzamentos interdisciplinares entre diferentes linguagens criativas.

2. Registro catalográfico legível por máquina.

Isso irá supor um acréscimo aos processos de organização da coleção que permita distinguir esses acervos ou idealizar critérios comuns que os aglutinem, como uma cor nas etiquetas que os identifique. A ordenação pode ser feita nas estantes clássicas já que se tratará de tomos que não encontrarão acomodação fácil nos módulos projetados para os quadrinhos.

Por outro lado não é aconselhável remeter-se aos critérios de classificação e ordenação aplicáveis aos quadrinhos, e, pelo contrário, pode, sim, ser útil recorrer à exposição em centros de interesse regidos por aqueles aspectos que se queira ressaltar.

Além das questões puramente logísticas, os quadrinhos também nos concederão novas fórmulas para identificar o espaço através da decoração – a coleção *Illustration Now!* da editora Taschen pode ser um filão inspirador neste sentido –, para incorporá-lo à seção de arte em geral e para continuar a ramificar a oferta abrindo-a a novas propostas.

Diretamente relacionado com a distribuição e decoração da área e com esse caráter de espaço polivalente que antes se mencionou, cabe a possibilidade de habilitar algum painel em que autores locais possam expor suas obras, aproveitando a oportunidade para fazer-se conhecer e,

por sua vez, garantir que se renove de maneira constante a decoração da seção. Neste sentido, vale citar de modo anedótico uma iniciativa tão original como a desenvolvida pela biblioteca pública de Palafrugell, em Girona, na Espanha, convertida em serviço de entrega de obras de arte em domicílio durante 30 dias, cedidas por seus **autores**³, como exemplo de imaginação na hora de obter valores agregados para o serviço das bibliotecas.

Por fim, trata-se de planejar, organizar e implementar medidas que impulsionem e renovem o serviço e que o desenvolvam de maneira ambiciosa apoiando-se em certezas como as que o pintor espanhol Luis Gordillo, vencedor do Prêmio Velázquez de Artes Plásticas em 2007, referenda quando escreve: “Os quadrinhos estiveram presentes na cultura e especialmente nas artes plásticas do século XX e há alguns anos adquire dimensões impensadas em outros tempos de diversidade, complexidade, compromisso e beleza” (AUTOR, 2010, p. 10). Palavras que a artista pop **Alaska**⁴ complementa na mesma publicação ao afirmar que: “uma história contada em vinhetas requer as mesmas doses de talento que outra narrada em linhas seguidas [...], e os artistas que ilustram o roteiro não são menos que os que penduram sua obra em galerias de arte” (AUTOR, 2010, p. 12)

referências bibliográficas

Biblioteca Regional de Murcia (2010).

Brújula para tebeos. Terapias de choque desde la Comicteca. [FUNES, Vicente. *Brújula para tebeos. Terapias de choque desde la Comicteca*. Murcia: Biblioteca Regional de Murcia, 2010.]

CASTÍLLO VIDA, Jesús. *Aproximación a las características documentales del cómic para su catalogación en bibliotecas*. ANO. Disponível em: <www.absysnet.com/recursos/comics/esp3aproxi.html>.

DOMÍNGUEZ SANJURJO, María Ramona. *Nuevas formas de organización y servicios de la biblioteca pública*. Gijón: Ediciones Trea, 1996.

LOZANO DÍAZ, Roser. *La biblioteca pública del siglo XXI: atendiendo clientes, moviando personas*. Gijón: Ediciones Trea, 2006.

VICENTE FUNES

É formado em Biblioteconomia e Documentação e bacharel em Documentação pela Universidade de Murcia. Desenvolveu seu trabalho profissional na Rede de bibliotecas públicas municipais da Prefeitura de Murcia e desde o ano de 2000 trabalha como Técnico Especializado na Biblioteca Regional de Murcia. Entre as diversas obrigações que tem na instituição está a coordenação do serviço de Quadrinhoteca, que desde sua inauguração, em 2003, converteu-se em uma referência para a gestão desse tipo de serviços. Também colabora em diversos meios como crítico de quadrinhos e ministra cursos sobre história e linguagem dos quadrinhos e sua relação com o mundo bibliotecário.

3. Para ampliar as informações sobre esse tema, pode-se consultar o artigo de Carme Fenoll Clarabuc, diretora da Biblioteca de Palafrugell, intitulado *Arteca. El arte llega a la biblioteca, que está disponible em: <www.alonsoquijano.org/mibiblioteca/contenido/sites/default/files/Arteca%20MB20.pdf>*.

4. Cantora, atriz e empresária nascida no México, mas radicada na Espanha desde muito jovem, cujo nome real é Olvido Gara e é integrante do grupo musical espanhol Fangoria.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador do Estado

Marcelo Mattos Araujo

Secretário da Cultura do Estado de São Paulo

Adriana Cybele Ferrari

Coordenadora da Unidade de Bibliotecas e Leitura

SP LEITURAS - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECAS E LEITURA

Conselho de administração

Marino Lobello – Presidente

Maria Eugenia Malagodi - Vice-presidente

Carlos Wendel Magalhães

Dennis Aurélio Giacometti

Flavio Mendes Bitelman

João Conde

Marisa Barros de Moura

Ottaviano Carlo De Fiore

Pedro Bandeira

Ruth Rocha

Diretor executivo

Pierre André Ruprecht

Diretor administrativo-financeiro

Armando Antongini

Gerente administrativo-financeiro

Silmara Novo

Gerente de Comunicação

Leonel Prata

Gerente de Projetos

Marcos Kirst

Gerente de RH

Vanessa Genesi

Gerente de TI

Marcos Coelho

Diretora de Biblioteca

Sueli Marcondes Motta

The logo for SP Leituras features a stylized red and white icon resembling a book or a flame above the text.

SP **Leituras**
Organização Social de Cultura



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura